

Só 21 mulheres terão lugar na Constituinte

REELEITAS



Bete Mendes



Irma Passoni



Cristina Tavares



Rita Furtado



Eunice Michiles troca o Senado pela Câmara

DUAS DO DF



Márcia Kubitschek



Maria L. Abadia

DERROTADAS



Mirtes Bevilacqua



Lúcia Viveiros

RITA MARIA LIRA Da Editoria de Política

Vinte e uma mulheres participarão da Assembleia Nacional Constituinte. Esse número, à primeira vista irrisório, porque é pouco mais de 4 por cento do total de parlamentares que terá acesso à redação da Nova Carta constitucional — e o sexo feminino representa 55 por cento do eleitorado brasileiro — deve ser analisado sob outra ótica. Na Constituinte de 1933 apenas uma mulher teve assento no Congresso, Carlota Queiroz, e na de 46, nenhuma.

Há ainda nesse contexto o fato de que nos 97 anos de República, apenas 19 mulheres ocuparam cadeiras na Câmara ou Senado, onde só na atual legislatura uma delas foi titular. Mesmo assim, Eunice Michiles assumiu no lugar do senador João Bosco, que morreu logo no início do mandato. Duas outras cumpriram licenças por um período de alguns meses. Na câmara a situação é um pouco melhor, registrando na legislatura que se encerra a presença de oito mulheres, embora Ivete Vargas tenha morrido em 84.

A partir de 1º de fevereiro, quando será aberta a Assembleia Nacional Constituinte, nenhuma mulher terá mais cadeira no Senado, o que leva um alto assessor da Casa a brincar, dizendo que esse quadro deve perdurar por muito tempo: "Afinal, para ser senador é preciso ter 35 anos e nenhuma mulher gosta de assumir a idade". Na eleição desse ano houve até maior número de candidatas, mas nenhuma logrou êxito e serão 72 senadores, já que Eunice Michiles foi eleita deputada.

Aliás, nesse quadro eleitoral, ela própria encontrou dificuldades para tentar a reeleição como senadora, somente assegurando legenda para disputar a Câmara, contou com a ajuda dos correligionários para eleger-se, porque não opôs resistência ao "veto" estadual. Será, agora, uma entre as 21 mulheres da Constituinte.

Das atuais deputadas, retornam poucas: Cristina Tavares (PMDB-PE), Bete

Mendes (PMDB-SP), Rita Furtado (PFL-RO) e Irma Passoni (PT-SP). Júnia Marise será vice-governadora de Minas Gerais, Mirtes Bevilacqua e Lúcia Viveiro, perderam as eleições. Em compensação, elas agora vêm de vários estados, à exceção do Sul, que continua dominado pelos homens.

Maria Lúcia Araújo, do PMDB do Acre, retoma sua cadeira na Câmara, após cumprir um afastamento prolongado por alguns anos de mandato. A recordista de mandatos parlamentares foi Ivete Vargas, que morreu durante essa legislatura. O partido comunista do Brasil terá também uma representante, Lidice da Mata, da Bahia.

Pelos nomes que integram a relação das 21 novas parlamentares, observa-se uma mescla maior de representação partidária. E também maior número de estados terão as suas deputadas. Em compensação, a Câmara precisará com urgência readaptar-se a realidade dessa nova população que passa a ocupar a casa. E que o regimento interno não prevê, por exemplo, a licença para gestantes, só de tratamentamento de saúde, e gravidez não é doença. Faltam, também banheiros femininos.

O PMDB é o partido que elegeu maior número de mulheres nas eleições do dia 15. Oito no total. O PFL, tem seis. O PDS, três; o PT, duas; e o PC do B e o PSB, uma cada. As novas deputadas são: Sadie Hauache (PFL-AM), Eunice Michiles (PFL-AM), Bete Azize (PSB-AM), Vilma Maia (PDS-RN), Miriam Portela (PDS-PI), Lúcia Braga (PFL-PB), Cristina Tavares (PMDB-PE), Maria Lúcia Araújo (PMDB-AC), Rita Furtado (PFL-RO), Raquel Cabiberepe (PMDB-AP), Lidice da Mata (PC do B-BA), Abigail Feitosa (PMDB-BA), Rita Camata (PMDB-ES), Rose de Freitas (PMDB-ES), Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), Benedita da Silva (PT-RJ), Bete Mendes (PMDB-SP), Irma Passoni (PT-SP), Maria de Lourdes Abadia (PFL-DF), Márcia Kubitschek (PMDB-DF) e Lúcia Vânia (PDS-GO).

Ivete foi a recordista

Ivete Vargas, do PTB de São Paulo, foi a mulher que maior número de mandatos cumpriu no Legislativo: seis. Morreu em 1984, sendo substituída por um homem. Ela começou na política em 1950, foi casada e sempre militou, na legenda trabalhista, pelas mãos do tio-avô, Getúlio Vargas. Marcou época na legislatura que se encerra, ao costurar um acordo com o governo Figueiredo que lhe assegurou maioria na Câmara.

As outras mulheres que cumpriram mandato são: Mila Costa (PTB-BA), Nely Novaes (Arena-BA), Julia Streinbuck (PMDB-RJ), Maria Lúcia Araújo (MDB-AC), Ligia Doutel de Andrade (MDB-SC), Nisia Carone (MDB-MG), Ligia Lessa Bastos (Arena-RJ), Cristina Tavares (PMDB-PE), Júnia Marise (PMDB-MG), Irma Passoni (PT-SP), Bete Mendes (PMDB-SP), Lúcia Viveiros (PDS-ES), Rita Furtado (PFL-RO) e Mirtes Bevilacqua (PMDB-ES).

Além da senadora Eunice Michiles, do PFL do Amazonas, que cumpriu praticamente os oito anos dessa legislatura, outras mulheres, suplentes, tiveram oportunidade de assumir por alguns meses o Senado. São Laélia Alcântara (AC), Maria Shirley (SC) e Dulce Braga (SP).



Ivete: seis mandatos.